

Visitando a casa angolana: uma leitura de *A casa velha das margens*

Bárbara Simões Daibert*

RESUMO:

Este artigo investiga a persistência de casas mal-assombradas na literatura pós-colonial de Arnaldo Santos, mais especificamente, em seu livro *A casa velha das margens*. Nesta perspectiva, aborda a memória traumática como um meio de renegociação do espaço pelas minorias silenciadas. Para tanto, buscamos entender o fantasma dessa narrativa como um discurso fluido, capaz de mover-se entre fronteiras, em trânsito, dentro e fora, e por isso forma eficaz de subversão.

Palavras-chave: Memória. Trauma. Fantasma. Escravidão. Arnaldo Santos.

No princípio, a casa foi sagrada isto é, habitada não só por homens e vivos como também por mortos e deuses

BREYNER, *apud* COUTO, 2003, p.9

Há maneiras diversas através das quais a memória pode se manifestar na literatura. Uma delas, comentada amplamente por vários autores em *Escrever a casa portuguesa* (SILVEIRA, 1999), é a utilização do espaço (casa) como elemento capaz de despertar o passado. De fato, recorrendo a Bachelard, em *A poética do espaço*: “a casa, como o fogo, como a água, nos permitirá evocar luzes fugidias de devaneio que iluminam a síntese do imemorial com a lembrança. Nessa região longínqua, memória e imaginação não se deixam dissociar” (BACHELARD, 2000, p. 25).

O livro de Arnaldo Santos citado no título deste trabalho volta ao final do século XIX e deixa vir à tona a memória do trauma da escravidão, que permanece se manifestando em casas/nações cujas conquistas e modernização são insuficientes para apagá-la. Seria essa memória o resíduo benjaminiano, largado no meio do monte de destroços que o Anjo da História (BENJAMIN, 1994) observa, impassível, horrorizado, que na literatura não cessa de se reinscrever? Sem ainda pretender uma resposta a tal questionamento, vejamos em que contexto o autor angolano compõe sua instigante obra.

Arnaldo Santos é natural de Luanda, onde nasceu em 1935, e na década de 50 integrou o chamado “grupo da Cultura”, tendo colaborado em várias publicações periódicas luandenses entre as quais a *Revista Cultura*, o *Jornal de Angola* (da década de 60), *ABC*, *Mensagem da Casa dos Estudantes do Império*. Foi premiado com o livro de crônicas *Tempo do Munhungo*, em 1968, ganhando mais audibilidade a partir de então. Seu romance é escrito em um português padrão, permeado, no entanto, de palavras da língua *kimbundo*. Além disso, o livro de Santos traz perguntas sem respostas, interditos e lacunas, questões não elucidadas, fio condutor de uma narrativa muito descritiva.

Escrito em 1999, *A casa velha das margens* retoma o século XIX e as contradições de uma colônia heterogênea assombrada pelos fantasmas de muitas minorias silenciadas. Em Angola, os fantasmas ocupam não só a casa velha, mas todas as moradas, incluindo as margens do rio Lucala, lugar propício ao encontro e à manifestação do outro, muitas vezes de forma silenciosa. O autor retorna ao século XIX e abre possibilidade de questionamento à estagnação que perdurou após a independência em 1975, especialmente no que diz respeito à questão da terra (casa) tomada pelo colonizador dos nativos.

Os eventos são narrados ao leitor passando pelo ponto de vista de Emídio, personagem principal em torno do qual gira a narrativa em terceira pessoa. Emídio Mendonça é o mulato filho do chefe do Conselho, conhecido como “pai dos pretos”, que manda o filho estudar em Portugal, a contragosto de Kissama, a mãe que tem o nome do povo a que pertence. Esperando em vão que o rio lhe devolva o filho pequeno arrancado e levado para adquirir o saber da gente branca, Kissama perambula dias nas margens do Lucala até perceber que sua espera é, contudo, vã. O filho retorna, é verdade, mas como homem feito, para saber que sua mãe, em uma resistência sempre silenciosa, enforcara-se dias após sua partida da casa de seu pai.

A descrição do suicídio da mãe, como boa parte dos acontecimentos contados no romance, é entrecortada, nebulosa, narrada ao longo de três capítulos em meio a recordações e reflexões, despertadas inicialmente pela visão do interior da casa velha.

Em ruínas, a casa do Hombo, ao receber Emídio de volta, desperta as memórias e o passado, que retorna, mas sempre por uma perspectiva fragmentada. De volta do reino, onde permanecera longos anos adquirindo conhecimento “civilizado”, Emídio revisita sua casa velha, atingida por um incêndio criminoso, e sente novamente os espíritos (*jindeles*) presentes consigo. Nas paredes e nos móveis da casa, os espíritos despertam lembranças dolorosas. Uma delas vêm através da visão da grande mesa de madeira, móvel que, segundo Emídio, a mãe jamais usara para fazer as refeições, já que preferia sempre comer sentada na esteira (*luando*) com o filho. Contrário a essa prática, o pai, Antônio Mendonça, algumas vezes fizera o filho sentar-se à mesa com ele, atitude que incomodava a Kissama. No dia em que ela utilizou a mesa, segundo as memórias do narrador-personagem, “não foi para sentar nela. Calçou-lhe raivosamente sob seus pés e ergueu-se muito para além dela, ao enforcar-se numa das traves do tecto” (SANTOS, 2004, p. 154).

Emídio prossegue revisitando as memórias de sua infância na casa em que moraram seus pais, tentando encontrar seu caminho na encruzilhada de caminhos sempre contrários. Embora intencione a restauração da casa do Hombo, atingida pelas chamas de um incêndio criminoso, ela permanece inalterada até o fim do romance. Palco de assassinatos e atentados contra o chefe do Conselho cuja morte é implicitamente explicada pela defesa de um território dos negros, a casa do Hombo, casa das memórias e da infância do mestiço, é a espera, assim como o futuro da Angola pós-independência é a espera de uma reconstrução que parece nunca chegar.

Arnaldo Santos, em pleno contexto de pós-independência, parece retomar um fragmento da história sangrenta da colonização portuguesa ao retratar, juntamente com seus personagens fictícios, fatos reais, fragmentos da longa ocupação colonial que vêm à tona no fim do século XX.

Curiosamente, na busca de Emídio pelo assassino de seu pai (jamais encontrado, é claro), são as cartas (*mucandas*) o fio condutor das pistas que o levam à questão da terra usurpada pelos colonizadores. Em meio à busca do filho da Kissama por um passado escondido, o narrador afirma sintomaticamente que “a escrita tinha seus riscos” (SANTOS, 2004, p. 250). De fato, é possível refletir sobre os riscos da escrita de que fala Emídio no livro de Arnaldo Santos a partir do texto *A farmácia de Platão*, de Jacques Derrida.

Derrida recorre nesta obra a um mito contido em *Fedro* para fazer algumas reflexões sobre a fala (*lógos*) e a escritura. O autor discorre sobre a figura do deus subalterno Theuth, que aparece em *Fedro*, de Platão. Em um mito contado por Sócrates a Fedro, Theuth então apresenta a escritura, ao deus supremo, Thamous. Este porém recusa a escritura, ao reconhecer a ameaça deste presente aparentemente benéfico ao poder de seu *Lógos*, ou seja, de sua fala viva.

Theuth é um deus subalterno, muito menos poderoso que o deus da fala criadora, cuja palavra tem todo poder. Todavia, através da escritura, ele pode “substituir” a palavra de seu pai

Thamous e estar no seu lugar, subvertendo-o. A escritura, assim, é parricida, mas ao mesmo tempo órfã. O pai, entretanto, recusa o presente do filho e subalterno ao perceber a artimanha e o perigo, a ambigüidade do veneno e do remédio contidos no *phármakon*. Theuth, o deus da escritura, é imediatamente repreendido por seu pai Thamous, e não pode se tornar o deus da fala criadora, “a não ser por subversão violenta” (DERRIDA, 1991, p. 34). Neste caso, o deus subalterno ao deus supremo é o deus da escritura. Remédio e veneno, ela pode curar e matar ao mesmo tempo.

A partir dessa reflexão, consideramos que, através da escritura, é possível ocorrer a subversão. Em outras palavras, o subalterno, tradicionalmente chamado “outro” e colocado nas sombras, tem na literatura sua maior chance de se fazer ouvir. Assim, a “escrita tem seus riscos” é a afirmação de Arnaldo Santos ao retomar o século XIX em uma Angola pós-independência cuja história não avança. Na retomada de um passado traumático que não pode ser negado, existe, na escritura, possibilidade de subversão inclusive de uma história oficial e exclusiva.

Beatriz Sarlo (1997), no texto “Os militares e a História: contra os cães do esquecimento”, apresenta a questão da presentificação do passado traumático. Ao temporalizar o presente através de interrogações sobre o passado, é possível o descongelamento deste através da memória. Diante então da herança do passado, é possível reconstruí-lo em seus múltiplos sentidos, e ainda, indagar sobre questões que possam ser pertinentes na atualidade. Na verdade, a presentificação do passado proposta por Sarlo não se trata de uma “contemplação do passado”, mas de abrir possibilidades de audibilidade, pela sociedade, de falas que não foram ouvidas.

Nesse sentido, a literatura desempenha papel fundamental, pois, através da escrita, a lembrança daquilo que se deseja esquecer vem à tona. Desde Platão, sabe-se que se escreve para que se possa esquecer, e ao mesmo tempo, para que se possa lembrar, e é exatamente aí que reside o caráter ambíguo, e por isso subversivo da escritura. Embora muitas vezes escreva-se para esquecer, o efeito da escrita é fazer com que os outros lembrem, com que os resíduos permaneçam. Assim comenta Sarlo:

Há romances, poemas, depoimentos, num leque que vai da mais extrema representação realista até as transformações mais distanciadas. São obstáculos levantados contra o convite ao esquecimento, contra sua impossibilidade ou imposição; teimam em opor-se à hipocrisia de uma reconciliação amnésica que pretende calar o que, de qualquer modo, já se sabe (1997, p. 32).

São os detalhes, resíduos, fragmentos, vestígios, traços, os principais guerreiros que lutam pela presentificação do passado, detalhes que não foram lembrados. Assim, a recuperação da memória se dá por uma percepção não-idealista, não-totalizadora. A volta repetida a um mesmo discurso em ruínas, então, impede que o tempo, as ideologias, a política dos Estados, ou mesmo o cansaço da culpa ou o cansaço produzido pela monotonia do horror causem uma amnésia nacional reconciliadora.

É, contudo, sobretudo Huyssen (2000) que comenta sobre essa amnésia nacional em *Seduzidos pela memória*. Segundo ele, a memória do trauma possui um papel de significativa importância na transformação do presente na medida em que “nos conduz além do legado da modernidade e do colonialismo” (HUYSSSEN, 2000, p. 4). Sendo assim, a memória tem uma função, um papel determinante. Entretanto, o enfoque na memória, que se dá, segundo o autor, a partir da década de 80, traz consigo um paradoxo. Como memória e esquecimento estão intimamente ligados, a memória pode facilmente tornar-se uma forma de esquecimento, e o esquecimento uma forma de memória escondida. Na medida em que um fato traumático é muito lembrado pela mídia,

comenta o autor, ocorre naturalmente um desgaste daquela memória, que passa ao esquecimento. Assim, o medo do esquecimento pode ser disparador de um desejo de lembrar, como também o desejo de lembrar pode iniciar um modo de esquecer. De qualquer forma, o fato é que a memória traumática vem à tona, e traz consigo uma possibilidade de renovação.

Se, no entanto, Beatriz Sarlo e Andréas Huyssen veem a recorrência da memória traumática em textos que retomam principalmente o holocausto, outros teóricos dão pistas para o que seria uma retomada do passado nos países que viveram o trauma da escravidão. Tomando como base o pensamento de Edward Said, em *Cultura e Imperialismo*:

a invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas (SAID, 1995, p. 20).

Por outro lado, Leela Ghandi (1998) aponta, em estudos sobre o pós-colonialismo, para uma resistência à amnésia do processo colonial. Segundo a autora, uma das principais funções da lembrança é trazer à tona a violência da colonização, é aproximar e tornar familiar o passado antagônico. Assim, é preciso revisitá-lo a fim de entender e interrogar o processo, já que, segundo a autora, a simples tentativa de esquecer e banir o passado colonial não é uma superação deste, mas uma repressão, que deixa para trás a presença do resíduo de algo não-resolvido.

Arnaldo Santos, então, através de Emídio, retoma esses resíduos nessa narrativa cheia de informações insuficientes para explicar os principais enigmas levantados. Cheia de vazios narrativos, *A casa velha das margens* é um romance policial sem ser, fundado na negatividade e nas lacunas, é um resquício da história de Angola recontada pelo viés do fragmento. Os fantasmas estão soltos, permeiam e estruturam o texto, entrecortado, denso e extenso, que não dá, no entanto, conta do todo. São os silêncios narrativos uma ausência e recusa ao logos ocidental, presença de ruído e subversão.

Emídio é o filho que retorna. De acordo com a crença do povo *kissama* (a que pertence a Kissama, mãe de Emídio), não há morte após a vida. Morrer é apenas experimentar. Todos viram ancestrais, e o contacto com os ancestrais se dá através do fogo. Entretanto, os filhos que são dados não se tornam ancestrais. Emídio é o filho da terra que retorna, atravessa a fronteira do mundo e não sabe em que lugar está. Na encruzilhada de dois caminhos, ainda ali ele está ausente, porque existir é uma fatalidade:

Algo se consumava dentro de si. Não era uma sensação que já não tivesse experimentado, essa estranha forma de estar nos dois lugares e não estar em lugar nenhum (...) a sua margem era sempre a outra, onde também estaria ausente. (...) Há para isso uma razão muito simples: existimos. Isso é tanto uma fatalidade para eles como para nós (SANTOS, 2004, p. 222-223, 317).

Sem ocupar lugar fixo, o personagem de Arnaldo Santos é ausência e, ao mesmo tempo, ameaça. Tal afirmação é comprovada pela desconfiança do fazendeiro e comerciante português Augusto de Freitas, quando inquirido por Emídio sobre o incêndio criminoso da casa de seu pai, já que

os filhos do país mulatos e com estudos era algo que ele abominava. – ‘Nunca sabemos de que lado estão. É gente em quem não se pode confiar.’ – eles lhes

ouviram repetir sem cessar, e acrescentava que, no caso de não poder evitar que eles nascessem, nunca se devia permitir que levantassem a cabeça, e muito menos reconhecê-los (SANTOS, 2004, p. 200).

Emídio, mulato, filho do país com estudos, ora se vê com portugueses caçando quilombolas, ora se opõe aos primeiros em favor do povo das margens, cujas terras haviam sido confiscadas pelo bem da “civilização”. Ocupando lugar nenhum, ele se parece com aquilo que Freud chamou de *estranho*.

Em “O estranho”, Freud (1976) comenta sobre a presença do chamado *Umheimlich*. Ao mesmo tempo em que se define como algo medonho e assustador, este *Umheimlich* apresenta-se familiar: “esse estranho não é nada de novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo de repressão” (FREUD, 1976, p. 301). Neste caso, a presença do fantasma, do intitulado “outro”, associa-se diretamente com o passado. Para abrigar este passado, entram em cena casas assombradas. Cheias de memórias, impedem seus moradores de se sentirem livres dentro delas. Oprimem, assustam, mas é preciso, ainda assim, habitá-las. Essas casas estão cheias de algo que não deve ser esquecido. Algo assustador, traumático e medonho, mas, ao mesmo tempo, familiar. Trata-se daquilo que Freud chama de *Umheimlich*, e a estranheza causada por sua presença ausente é ambígua, assustando e agradando ao mesmo tempo.

No texto “The Uncanny Nineties”, Martin Jay (1988) faz algumas reflexões sobre a presença itinerante de assombrações no interior das casas dos países pós-coloniais. Como ponto de partida para pensar teoricamente a questão do fantasma, o autor se utiliza do já citado texto “O estranho” de Freud, e afirma que, devido ao processo traumático de dominação que marcou os países coloniais, não é possível haver neles casa que esteja livre da presença de fantasmas:

whereas there can never be a perfectly secure home, a domestic interior impervious to incursions from without and the return of what has been excluded from it, the alternative should not be actual or even metaphorical homelessness per se. (...) we should strive instead for the strength to dwell in perpetually haunted houses, learning to live with the spooks that periodically invade them (JAY, 1988, p. 163)¹.

Concluindo que não há lar que seja perfeitamente seguro, Jay propõe como possível alternativa a convivência com os espectros, e não a fuga, já que outro lar será inevitavelmente assombrado.

De acordo com a crença de muitos povos africanos, todas as casas são assombradas, já que os espíritos dos ancestrais permanecem vivos. Exemplo interessante disso é uma das passagens finais do romance, em que Emídio percebe que “ele era o depositário do segredo daquelas famílias das Margens, segredo que existiria enquanto ele vivesse, ou houvesse muitos espíritos que se reunissem para lhe prestar homenagem” (SANTOS, 2004, p. 367).

Embora tenha voltado do Reino com estudos e roupas de gente civilizada, o filho da Kissama reconhece que, em sua terra, os espíritos habitam todos os lugares. Entretanto, ele próprio está mais uma vez fora e sozinho, já que foi filho arrancado. “Ele sabia que nenhum espírito viria na cabeça do Muhongo para lhe ajudar. Kissama, sua mãe, de quem fora separado, não tinha enterrado os espíritos dos seus antepassados, eles pairavam algures pelas Margens, mas outros lhes tinham herdado” (SANTOS, 2004, p. 367).

O personagem-narrador, sempre fora e em outro lugar, é causa de medo e desconfiança entre brancos e negros ao longo do romance. Isso se torna evidente logo no início da narrativa,

quando Emídio, ao retornar do Reino, sofre um atentado no rio e escapa. Suas declarações ao chefe de polícia causam estranhamento, e o povo passa a chamá-lo de *Kianda* – monstro ou divindade das águas. “– Eu já morri, chefe Cordeiro, e ressuscitei... – disse, sem falar. (...) Ele teria que aprender uma nova linguagem, já que regressara de um outro mundo” (SANTOS, 2004, p. 21-23). Se por um lado Emídio é a assombração, o estranho que volta assombrando a casa (terra - Angola) em ruínas, por outro, é receptáculo de opiniões e julgamentos, presença não-marcada, ou o que Derrida chamou de *Khôra*. Lugar da subversão, e por isso, lugar do jogo, *Khôra* é justamente o lugar ausente, que Emídio parece ocupar. “Ele era o único que sabia que estava numa outra margem” (SANTOS, 2004, p. 222).

A margem onde se encontra o personagem não é a beira do rio Lucala, mas é o lugar intermediário, fronteiro, lugar daquele que pode tomar qualquer forma e surpreender em seu silêncio. Este não-lugar é a posição ideal para se viver dentro de uma construção feita de ruínas ou em ruínas, habitada constantemente por fantasmas e enclausurante como a construção de Kafka. É o lugar onde o jogo de identidades torna-se possível, jogo que nenhuma construção é capaz de evitar.

A margem é o lugar propício ao encontro e à confluência de não-identidades, já que liga fronteiras; é local de passagem, de migrações étnicas e culturais, do migrante, do negro e dos filhos do país, fadados a permanecer na fronteira como identidade sempre errante e não-fixa, banidos e estrangeiros em sua própria terra. Na margem, torna-se possível o contacto com o outro e a recuperação dos traumas do passado com novos sentidos, que se dá no processo de rememoração ou de ativação da memória.

Vivendo a fatalidade da existência, os filhos do país são a heterogeneidade, aquilo que Bhabha (1998) chamou de “soma que não fecha”, sobra não prevista da colonização, o incômodo entre-lugar de Silviano Santiago (2000). Deste estranho lugar, qualquer ação pode ser uma ameaça ao outro lado, ao poder instituído, e mesmo o silêncio (e principalmente ele) pode ser forte resistência.

Em suas recordações sobre a Kissama, Emídio lembra-se de como ela resistia passivamente ao pai. Quando questionada por Antonio Mendonça sobre seu povo e suas transgressões, ela “parece nada saber, ou finge nada saber”(SANTOS, 2004, p. 145). Na relação sexual entre os pais, Emídio, que os presenciara furtivamente, percebe “uma luta em que cada um resistia dentro de si. Antonio Mendonça avassalava a quissama, e esta resistia, passivamente” (SANTOS, 2004, p. 146). Nas palavras do narrador:

Um desejo qualquer, outro mais intenso que a simples posse, agitava seu pai entre as pernas entreabertas da Kissama. Ele tentava a sujeição daquele corpo, submeter, domesticar, e era firme a maneira como Kissama resistia, consentindo passivamente. Espantava-lhe recordar como era possível tamanho silêncio, num acto praticado com tanto furor (...) Havia entre eles um quifquirilo de sons intransferíveis, que Kissama, parecia, nunca se sentira tentada a romper (SANTOS, 2004, p. 147).

Kissama, como já foi dito, é o nome com que aparece na narrativa a mãe de Emídio, pelo fato de pertencer ao povo kissama. Este povo, por sua vez, recebe o nome da região em que vive. Assim, kissama é a região, a terra em que vivia um grupo de africanos, arrancada deles pelo sistema de colonização português. Curiosamente, entretanto, este nome significa “terra do brandão aceso”.

Simbolicamente, o *território linhageiro* (espaços de aglomerados formados por familiares com tradições comuns) significava o espaço de ligação entre os seres vivos, os mortos e os ainda por nascer (HERNADEZ, 2005). Assim, o africano estava habilitado a ocupar a terra segundo normas ancestrais que organizavam e sacralizavam essa relação. O contacto com os ancestrais se dava através do fogo, mantido aceso dia e noite, ainda que em brasa, dentro das casas dessa região da África. Segundo o historiador Robert Slenes (1999), nas senzalas brasileiras inclusive houve a permanência desse fogo aceso, contato com o outro mundo, costume ininteligível para os brancos. Terra do brandão aceso, Kissama parece ser ela mesma a ponte entre o mundo dos vivos e os ancestrais, a casa primeira de Emídio, confrontando com o silêncio um mundo português que é estranho para si.

Considerando o significado do passado para os povos africanos e as possibilidades de renegociação do presente através da invocação do primeiro, é possível levantar algumas questões. Santos trabalha com lacunas, silêncio e ruído. Em seu texto, a língua portuguesa vai sutilmente sendo implodida pelas estruturas e palavras do *kimbundu*. Trazendo o ruído para dentro da língua deixada pelo colonizador, Santos a desterritorializa, na construção de um romance aberto, permeado de lacunas, perguntas sem respostas e anticlímax.

Neste ponto, tomemos esses silêncios narrativos bem como os temáticos (a questão do fantasma, do passado morto que permanece) através do conceito de fluidez encontrado em Nelly Richard (1996) e em Alberto Moreiras (2001). Embora com abordagens próprias, ambos apontam para a experiência de um discurso suficientemente fluido para mover-se entre as fronteiras, um discurso em trânsito, sempre dentro e fora, em jogo, o que, segundo Derrida, é uma forma eficaz de subversão.

Para Nelly Richard, a fim de considerarmos o discurso feminino como fluido, não-fixado, e por isso subversivo, há que se repensar a demarcação fixa de um lugar feminino que se oponha ao masculino. Nelly Richard afirma que:

Sair de esa disyuntiva requiere imaginar una experiencia del discurso suficientemente fluida para moverse entre las fronteras de lo lógico-categorial y de lo concreto-material; una experiencia impulsada por el ritmo interdialéctico de um tránsito entre estructura y bordes, entre sistema y residuos, entre código y márgenes desestructurantes, entre identidad y diferencia, pero sin re-positivar la Diferencia como alteridad absoluta (RICHARD, 1996, p. 736).

A memória-sujeito volta em resíduos para ser dissonância em um mundo desenvolvimentista, para provocar a pretensa ordem masculina e logocêntrica do presente. Assim, a desconstrução se dá na descontinuidade e fluidez de um discurso fragilizado e não-fixo.

Por outro lado, voltando a Moreiras, é possível considerar com ele que a solução (que ele busca em Derrida) é um colocar-se dentro e fora em rápida oscilação. Para esse processo de remoção do sujeito, a linguagem e, sobretudo a literatura, são palcos ideais. Segundo Moreiras, talvez seja possível na literatura entender que o subalterno está sempre em outro lugar, fora do alcance de interpelação hegemônica mesmo em condições de dominação, como a escravidão. O autor ainda se pergunta, contudo, se é possível que o subalterno seja uma voz que fala silenciosamente em sua recusa de se submeter ao poder hegemônico.

Ora, se a escritura ocupa este “não-lugar, lugar sem lugar não marcado”, que Derrida trabalha em *Khôra*, que Silviano Santiago nomeou como entre-lugar, e que entendo como fantasma em *A Casa velha das Margens*, ela é capaz de subverter em silêncio e ruído. Na negação

da palavra, do *Logos* criador, no abandono da fixidez do texto, há um jogo de lugares que constrói o resgate da memória e subverte o texto.

Gayatri Spivak (1998) afirma que o intelectual que fala pelas minorias, ao intitular o sujeito colonial como “outro”, segue colocando-o em um lugar de obscuridade. Segundo a autora, este “outro”, que ela chama de “subalterno”, exilado como objeto da fala de um “mesmo”, não pode falar. Não seria possível, no entanto, justamente questionar a ausência como presença, o silêncio como fala, o fantasma como presença fluida, oscilante, que, com ruído, é incapaz de desabar o sistema em que está preso, mas pode perturbar e pôr à mostra a falência de um sistema contraditório?

Visiting the Angolan home: a reading of *A casa velha das margens*

ABSTRACT:

This article investigates the persistence of haunted houses in the postcolonial literature of Arnaldo Santos, more specifically, in his text *A casa velha das margens*. For this purpose, the article approaches the traumatic memory as a means by which the silenced minorities can deal with the space. To achieve this, we try to understand the spook in this narrative as a fluid speech, capable of moving itself between borders, in transit, in and out, and so being an efficient way of subversion.

Keywords: Memory. Trauma. Spook. Slavery. Arnaldo Santos.

Notas explicativas

* Professora do projeto PRODOC (CAPES) do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFJF.

¹ “Uma vez que nunca poderá haver um lar perfeitamente seguro, um interior doméstico impermeável às incursões do lado de fora e ao retorno do que foi excluído, a alternativa não deve ser uma condição de “sem-teto” metafórico ou real. Ao contrário, devemos buscar a força para viver em casas para sempre assombradas, aprendendo a lidar com os fantasmas que periodicamente as invadem” (tradução minha).

Referências

- BACHELARD, Gaston. *A Poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 242 p.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. 253 p.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. 395 p.
- COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 262 p.
- DERRIDA, Jacques. *A Farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 1991. 126 p.
- _____. *Khôra*. Campinas: Papyrus, 1995. 76 p.
- FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 137 p.
- GANGHI, Leela. *Postcolonial theory: a critical introduction*. New York: Columbia University Press, 1998. 200 p.
- HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005. 679 p.
- HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. 116 p.

- JAY, Martin. *Cultural Semantics: keywords of our time*. [s.l.]: The University of Massachusetts Press, 1988. 197 p.
- MOREIRAS, Alberto. *A exaustão da diferença*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. 405 p.
- RICHARD, Nelly. Feminismo, experiencia y representación. *Revista Iberoamericana*, Santiago, vol. LXII, p. 733-744, jul.-dic. 1996.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 459 p.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 220 p.
- SANTOS, Arnaldo. *A casa velha das margens*. Luanda/Salvador: Maianga, 2004. 405 p.
- SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. São Paulo: EDUSP, 1997. 287 p.
- SILVEIRA, Jorge Fernandes. (org.) *Escrever a casa portuguesa*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. 499 p.
- SLENES, Robert. *Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 299 p.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Can the subaltern speak? In: GROSSBERG, Lawrence & NELSON, Cary. (orgs) *Marxism and the interpretation of culture*. London: Macmillan, 1988, p. 47-62.
- TRONI, Alfredo. *Nga Muturi*. Lisboa: Edições 70, 1973.

